

ENTRE ATRAÇÕES, BRINCADEIRAS E LIMITE AO ACESSO: sentidos atribuídos por mães/pais e responsáveis sobre as telas

ENTRE ATRACCIONES, JUEGOS Y LÍMITES DE ACCESO: sentidos
atribuidos por madres/padres y responsables sobre las pantallas

BETWEEN ATTRACTIONS, GAMES AND ACCESS LIMITS: meanings
attributed by parents and guardians to screens

Viviane de Bona¹ 

Débora Hyngrid Gomes do Nascimento² 

Claudilene Maria da Cunha³ 

Resumo

O acesso às telas pelo público infantil tem crescido significativamente, estimulado pelas transformações tecnológicas da sociedade. Com base nessa constatação, a presente pesquisa tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos pelas mães/pais e ou responsáveis por crianças ao uso de telas na primeira infância, potencializado pelo contexto pandêmico. De caráter exploratório e abordagem qualitativa, a investigação utilizou, como instrumento de coleta de dados, um questionário virtual do *Google Forms*, com questões abertas e fechadas, preenchido por 250 adultos, responsáveis por crianças de 0 a 6 anos. Os dados coletados foram categorizados segundo a Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa técnica permitiu classificar dois grupos de sentidos: as justificativas do tempo de acesso a telas e a opinião dos colaboradores sobre o uso delas. Como resultado, foi identificado que a estrutura familiar impacta consideravelmente no acesso às telas, porém, existem mães/pais e responsáveis que não concordam com a recorrência de tal exposição. Poucos aquiescem ao uso livre desse artefato, e o maior quantitativo dos colaboradores defende limitar e supervisionar a utilização das telas pelas crianças, seja para uso pedagógico ou entretenimento.

Palavras-chave: Primeira infância. Acesso à tecnologia. Famílias. Cultura digital.

¹ Doutora em Educação. Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Pernambuco. Brasil. E-mail: viviane.bona@ufpe.br

² Pós-graduada em Infância e Educação Infantil pela FUNDAJ. Professora da Educação Infantil do Colégio Boa Viagem. Recife. Pernambuco. Brasil. E-mail: debora.hyngrid@ufpe.br

³ Pós-graduada em Docência para Educação profissional e tecnológica pelo IFES. Professora efetiva da Educação Infantil do município de Caruaru. Caruaru. Pernambuco. Brasil. E-mail: claudilene.maria@ufpe.br

Como referenciar este artigo:

BONA, Viviane de; NASCIMENTO, Débora Hyngrid Gomes do; CUNHA, Claudilene Maria da. Entre atrações, brincadeiras e limite ao acesso: sentidos atribuídos por mães/pais e responsáveis sobre as telas. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 27, e8593, 2025. DOI: <http://doi.org/10.22196/rp.v22i0.8593>

Resumen

El acceso a las pantallas por parte de la población infantil ha crecido significativamente, impulsado por las transformaciones tecnológicas de la sociedad. A partir de esta constatación, la presente investigación tiene por objetivo comprender los sentidos atribuidos por madres/padres y/o responsables de niñas y niños al uso de pantallas en la primera infancia, potenciado por el contexto pandémico. De carácter exploratorio y enfoque cualitativo, la investigación utilizó, como instrumento de recolección de datos, un cuestionario virtual de Google Forms, con preguntas abiertas y cerradas, respondido por 250 personas adultas responsables de niñas y niños de 0 a 6 años. Los datos recogidos fueron categorizados según el Análisis de Contenido propuesto por Bardin (2011). Esta técnica permitió clasificar dos grupos de sentidos: las justificaciones del tiempo de acceso a las pantallas y la opinión de las/los participantes sobre su uso. Como resultado, se identificó que la estructura familiar impacta considerablemente en el acceso a las pantallas; sin embargo, hay madres/padres y responsables que no están de acuerdo con la recurrencia de tal exposición. Pocos consienten el uso libre de este artefacto, y la mayoría de las/los participantes defiende limitar y supervisar el uso de las pantallas por parte de las niñas y los niños, ya sea con fines pedagógicos o de entretenimiento.

Palabras clave: Primerainfancia. Acceso a latecnología. Familias. Cultura digital.

Abstract

Children's access to digital screens has increased substantially, driven by ongoing technological transformations in contemporary society. Based on this observation, the present study aims to understand the meanings attributed by mothers, fathers, and/or legal guardians to screen use during early childhood, a phenomenon intensified by the pandemic context. Exploratory in nature and grounded in a qualitative approach, the investigation employed a Google Forms virtual questionnaire- containing both open and closed-ended questions, as the data collection instrument. The questionnaire was completed by 250 adults responsible for children aged 0 to 6 years. The collected data were categorized according to the Content Analysis method proposed by Bardin (2011). This analytical technique enabled the identification of two groups of meanings: justifications for children's screen time and participants' opinions regarding screen use. The findings indicate that family structure significantly influences children's access to screens; however, some parents and guardians express disagreement with the frequency of such exposure. Few participants support unrestricted use of digital devices. Most respondents advocate for limiting and supervising children's screen use, whether for educational purposes or entertainment.

Keywords: Early childhood. Access to technology. Families. Digital culture.

Introdução

A tecnologia digital em seus diversos formatos vem ocupando espaço na sociedade com o passar do tempo. Em plena terceira década do século XXI, é muito difícil encontrar alguém que nunca ouviu falar na palavra internet, já que vem sendo utilizada tanto para o trabalho quanto para a diversão. Segundo Pimentel (2017, p. 38), "as mudanças advindas dos avanços tecnológicos e das mídias digitais estão

ocorrendo em toda a sociedade, conduzindo-a a novas formas de trabalhar, comunicar-se, aprender, pensar e viver”. Por um lado, tais avanços favorecem a comunicação rápida e aproximam pessoas de diferentes lugares; por outro lado, esses instrumentos podem gerar isolamento social, prejudicar a saúde pelo uso excessivo e afetar aspectos que envolvem, inclusive, o desenvolvimento infantil.

Os estudos realizados pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (2019) orientam que crianças de 2 a 5 anos não devem passar mais que uma hora por dia em exposição a telas e sempre serem supervisionadas. A pandemia do Coronavírus, instaurada em 2020, trouxe, porém, um novo estilo de vida para a população mundial, e as crianças não foram poupadas dessa mudança. Mães/Pais trabalhando em *home office* e crianças com aulas remotas se viram com maior tempo de exposição a telas. Não havendo mais como impedir ou evitar tal fenômeno, é necessário, portanto, que os responsáveis por essas crianças prezem pelas habilidades que favoreçam o seu desenvolvimento pleno, garantindo os seus direitos à proteção e ao brincar, visando permitir à criança experienciar diversas situações que lhe proporcionem diversidade de conhecimento.

O Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (NCPI) afirma que:

É importante elucidar o impacto positivo que as interações saudáveis na primeira infância têm na formação dos cidadãos. As experiências e oportunidades de bons relacionamentos, nos primeiros anos de vida, auxiliam na criação de um forte alicerce, gerando valores, habilidades cognitivas e sociabilidade (NCPI, 2016, p. 4).

À vista dessa situação contextual e também levando em conta as reflexões acerca do uso de tecnologias difundidas por Pierre Lévy (2010), que diz vivermos a abertura de um novo espaço de comunicação, compete-nos explorar as potencialidades positivas desse espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. Nessa perspectiva, vislumbramos apreender os pensamentos que giram em torno das crianças⁴ nascidas a partir do ano 2010 e que convivem diariamente com dispositivos digitais. Sobre essas crianças, o sociólogo Mark McCrindle (2009), a

⁴ Temos consciência de que as crianças vivenciam diferentes infâncias delimitadas por contextos sociais, culturais, históricos e econômicos. Nem todas se relacionam ou têm acesso às tecnologias de forma uniformizada, o que nos faz compreender as variações que existem quanto a essa realidade.

datar desse período, denominou-as geração Alpha, simbolizando o início de grandes transformações.

Discussões apresentadas por Girardello, Fantin e Pereira (2021) e por Nobre *et al.* (2021) destacam o uso da tecnologia relacionado ao aprendizado das crianças e ao impacto social gerado em função da exposição de telas, visto que as crianças interagem menos com o meio ambiente e com as pessoas que estão ao seu redor. Os autores problematizam os efeitos dessa exposição, refletindo sobre as conexões entre infância e mídias. Também há estudos (Souza; Marques; Reuter, 2020) que evidenciam os efeitos negativos sobre a saúde física, já que o tempo diante das telas reduz o brincar em movimento.

Aliado a essa compreensão, o interesse investigativo para a construção deste trabalho advém por considerarmos também necessário captar como as mães/pais e ou responsáveis entendem a presença das tecnologias digitais na vida dos filhos⁵ e ou tutelados. Munidos dessa informação, ou seja, conhecendo como esses adultos pensam sobre este tema, buscaremos compreender suas ações quanto à regulação ou não do uso de telas por suas crianças.

Partimos do pressuposto de que refletir sobre como se dá a inserção das crianças no mundo digital e até que ponto os impactos dessa inserção afetam sua vida em sociedade nos permite ponderar as possíveis consequências positivas ou negativas acerca dessa inserção. Faz-se mister esclarecer que este estudo não tem o intuito de suscitar juízo de valor quanto ao uso das tecnologias por crianças, tampouco em relação às atitudes das famílias sobre tal processo. Nosso interesse se concentra em entender as motivações que levam a essa utilização. Em suma, a presente pesquisa tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos pelas mães/pais e ou responsáveis por crianças acerca do uso de telas na primeira infância, potencializado no contexto pandêmico. De caráter exploratório e abordagem qualitativa, a investigação utilizou, como instrumento de coleta de dados, um questionário virtual do *Google Forms*, com 12 questões abertas e fechadas, preenchido por 250 adultos, responsáveis por crianças de 0 a 6 anos, residentes na

⁵ Embora estejamos cientes das diversas orientações sexuais e as respeitemos, utilizaremos, nesta escrita, o gênero masculino para fazer referência a todos eles, conforme orienta a Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

região metropolitana da cidade do Recife, no estado de Pernambuco. Os dados coletados foram categorizados segundo a Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2011).

1 Infâncias, contexto pandêmico e o uso de tecnologias pelo público infantil

Por muito tempo, as crianças foram vistas como seres passivos no processo de socialização, sendo frequentemente ignoradas e desvalorizadas. Como expõe Heywood (2004, p.10), “a criança era, no máximo, uma figura marginal em um mundo adulto”. Moldados pela erudição desta fase, eram considerados futuros cidadãos que internalizavam o conhecimento vigente, não sendo autorizados a interferir em sua própria formação social, cultural, intelectual etc. Sarmento (2000) afirma que as crianças não eram vistas como seres sociais de pleno direito; seguiu-se assim por longo tempo, e, apenas no final do século XX, a infância passou a ser olhada como categoria social. A percepção da criança como protagonista surge a partir da mudança de pensamento: a criança deixa de ser vista como ator passivo para participar como ator ativo, produtor de cultura. Embora a concepção de criança e infância não seja atual, o olhar contemporâneo trouxe uma nova visão: “a infância está em processo de mudança, mas mantém-se como categoria social, com características próprias” (Sarmento, 1997, p. 7). Assim, quando pensamos na infância, não podemos considerá-la como uniforme e única, mas, sim, constituída em aspectos diversos, como classe social, raça, gênero, local de vivência/moradia, condição econômica, o que nos permite concluir que temos variadas infâncias. Essa diversidade faz com que as experiências de cada criança sejam diferentes, especialmente no que diz respeito ao acesso a direitos essenciais como educação, saúde, lazer e segurança.

Para facilitar o processo de construção da identidade ativa da criança, Corsaro (2011) traz a expressão “cultura de pares”, que é utilizada para dialogar com as culturas infantis no que se refere à interação presencial a partir de um grupo, ou seja, “esta aprendizagem é eminentemente interativa; antes de tudo o mais, as

crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum” (Sarmiento, 2004, p.9, sic).

A partir das perspectivas do protagonismo infantil, percebemos como as muitas culturas da infância vêm sendo introduzidas na sociedade contemporânea. Testemunhos científicos dessa introdução podem ser vistos na Sociologia, por exemplo – a criança do início dos estudos dessa ciência não é a mesma criança do século XXI. Dito de outra forma, são caracterizadas diferentes gerações⁶ na sociedade, e estamos formando mais uma –a que compreende as crianças nascidas no intervalo do ano de 2010 até o ano de 2025, denominada por Mark McCrindle (2009) de geração Alpha.

Segundo Menetti (2013), a Geração Alpha se configura como a terceira geração da era digital, favorecida pela agilidade tecnológica e aceleração de seu desenvolvimento, exercendo influência sobre os pais, que, embora inseridos nesse universo, figuram como aprendizes, acompanhando as transformações, algumas até já dominadas pelas crianças. Isso as torna mais independentes em suas escolhas, o que pode levar ao uso excessivo das tecnologias. Essa possibilidade de fato existe, mas, há de se convir que tudo o que envolve inovação, superação do desconhecido está imantado de riscos, mesmo que seus benefícios sejam reconhecidos e comprovados. É necessário, portanto, compreender as motivações do uso das tecnologias por parte das crianças e de que modo isso pode ser equilibrado, isto é, sem excessos. Além disso, é preciso olhar o problema ou situação de forma mais ampla, a fim de se evitar uma responsabilização exclusiva dos pais, pois que estes também são personagens de uma nova história social e não são os únicos que fazem parte da vida dos infantes. Em concordância com Sarmiento (2005, p.373, sic), o que se destaca é o fato de que as crianças são “[...] competentes e têm capacidade de formular interpretações da sociedade, dos outros, e de si próprias, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia”.

⁶ O debate atual sobre gerações consiste em definir nomes a grupos de gerações, a partir de faixas etárias e particularidades de cada um desses grupos, de acordo com o contexto social e/ou tecnológico vivido.

Além do próprio movimento social de intenso e progressivo uso de tecnologias, no ano de 2019 foi registrado, na China, o primeiro caso denominado síndrome respiratória aguda grave decorrente do coronavírus(SARS-CoV-2), que rapidamente se espalhou e configurou uma pandemia, transformando o modo de vida em escala global. As mudanças exigiram novas rotinas e métodos de ensino, sem que a sociedade tivesse tempo de se preparar para enfrentar tamanho e tão poderoso adversário. Segundo a Unesco (2020), crianças e jovens foram os mais impactados, precisando adaptar-se a um modelo emergencial, que mesclava ambiente escolar, doméstico e de trabalho.

Com as novas regras de convivência e o isolamento físico, as possibilidades de realização de atividades de lazer foram reconfiguradas. Sem os contatos físicos, restou o uso da vida online. Além de terem de se adaptar ao ensino remoto adotado como medida emergencial pelos governos Federal, Estadual e Municipal, na tentativa de reparar os danos causados pelo distanciamento social, as crianças tiveram recursos limitados para desenvolver suas habilidades sociais, motoras e sensoriais.

Levando em consideração a necessidade de os pais continuarem trabalhando, suas atividades profissionais passaram a ser realizadas no ambiente doméstico, sempre que as demandas de trabalho assim permitiam. Mesmo em casa, porém, os pais não tinham como acompanhar as crianças, as quais, além de passarem muito tempo ocupadas (aquelas que dispunham de celulares, tablets, computadores e internet), estudando via ensino remoto, quando liberadas das atividades escolares acabavam sendo conduzidas às telas como um modo de distração e diversão (também funcionando como alternativa de ocupação, para os pais poderem trabalhar sem a interferência dos pequenos). É cada vez mais comum, no mundo atual, com o avanço tecnológico, as crianças terem acesso a esses recursos, principalmente quando não desfrutam de convívio com outras crianças. E isso foi reforçado no contexto pandêmico.

1.1 Da imersão ao acesso aos limites de uso de tecnologias na primeira infância

As crianças têm estabelecido contato com a tecnologia cada vez mais cedo e estão conectadas a esse universo a partir da primeira infância (de 0 a 6 anos). Isso porque as transformações tecnológicas advindas com o tempo as alcançaram e as cercam de diversas formas, seja pela televisão, celular ou outros instrumentos digitais.

Com base nisso, Buckingham (2010, p.42) fala que “[...] a infância contemporânea está permeada e, em alguns sentidos, até definida pela mídia moderna”. Ou seja, as crianças estão vivenciando infâncias propagadas pela mídia e modificando as suas interações. Para Souza (2019), as crianças precocemente incluídas no universo digital têm como referência os adultos, que já fazem uso desses meios virtuais, procurando tornar as relações cada vez mais acessíveis e a fim de darem conta de muitos compromissos.

Sabendo que o acesso às telas e a outras tecnologias é influenciado pelos pais ou responsáveis, entendemos que as crianças, desde bebês, já têm essa interação em situações cotidianas, como quando um familiar acessa a televisão ou celular, por exemplo, levando-a à exposição. Embora as tecnologias digitais permitam um variado e vasto acesso a recursos pedagógicos para o seu desenvolvimento, por outro lado ela priva a criança desse contato físico, do convívio social e do desenvolvimento da sua imaginação (Estigarribia, 2018).

Estudos, como os de Setzer (2014), citam outros efeitos negativos, como os relacionados à saúde, a exemplo de aumento de peso, ocasionando obesidade; falta de qualidade do sono; diminuição da atividade mental; má alimentação e inatividade, devido ao grande tempo que se passa em frente às telas. O grande fluxo de informações e a velocidade com que estas se apresentam também têm efeito pernicioso, pois essa sobrecarga pode gerar um *mix* de sentimentos e despertar impressões sensoriais que resultam em problemas de ansiedade e hiperatividade, prejudicando o desenvolvimento do senso crítico e imaginação, entre outros transtornos.

Pensando por outra perspectiva, a tecnologia, entretanto, promove acesso ao conhecimento, e isso facilita a informação, a imersão em conexões no ensino, no dia a dia, a qualquer momento e em qualquer lugar. De acordo com Souza e Souza (2010) e Oliveira e Marinho (2020), essa ferramenta de informação – a tecnologia –, na infância, tem sido vista como positiva pela melhoria que apresenta no desenvolvimento cognitivo e atividades psicomotoras, reavaliando o sentido de suas aprendizagens.

É necessário, porém, se estabelecerem limites a esse uso. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (2016, p. 03): “Equilibrar as horas de jogos online com atividades esportivas, brincadeiras, exercícios ao ar livre ou em contato direto com a natureza é garantir insumos para o crescimento e desenvolvimento com afeto e alegria”.

Compreendemos não ser possível ignorar a necessidade de se conhecerem e se inserirem diversos recursos tecnológicos como novas formas de aprendizagem no universo infantil, tanto como instrumento pedagógico como atividades lúdicas de entretenimento, mas sempre se tendo atenção ao uso adequado e respeitando-se a faixa etária do usuário. É esse o princípio que perpassa a Pedagogia da Conexão que, conforme Almeida e Cerutti (2025, p. 4), têm como objetivo garantir “que as interações digitais não substituam as experiências presenciais, mas as potencializem, promovendo aprendizagens mais significativas”. Complementam as autoras que a Pedagogia da Conexão não defende um uso indiscriminado dos recursos tecnológicos, mas sim práticas planejadas que favoreçam o desenvolvimento infantil de maneira equilibrada e respeitem os direitos de aprendizagem.

2 Delineamento Metodológico

Esta pesquisa é de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Utilizamos, como instrumento de coleta de dados, um questionário disponibilizado para pais, mães e ou responsáveis por crianças de 0 a 6 anos. A ferramenta utilizada para suporte e envio do instrumento foi um formulário virtual construído no *Google Forms*, tendo em vista que, por meio dele, é possível alcançar um número

considerável de respondentes. Como meio de divulgação da pesquisa, fizemos uso das redes sociais (Instagram e Whatsapp), para disponibilizar o *link* do formulário e atingir o número de pessoas colaboradoras. No dia 13 de janeiro de 2023, foi dado início ao compartilhamento da pesquisa e, no dia 21 de janeiro, alcançamos a marca de 250 respondentes. Observamos que houve saturação (repetição) das respostas e, então, finalizamos a coleta. Percebemos que o método de divulgação foi muito eficaz, pois, dentro de um curto tempo, obtivemos um número considerável de colaborações, visto que a nossa sociedade está facilmente utilizando as redes sociais, e, acreditamos, devido à praticidade do instrumento utilizado para realizar a coleta.

Foi também observado, durante o processo de coleta de dados, grande interesse por parte dos respondentes sobre o tema, o que justifica o retorno rápido dos questionários devidamente respondidos e os *feedbacks* recebidos após responderem a pesquisa e nos reenviarem os formulários. Produzimos o questionário com 12 questões, com questões abertas e fechadas. Um detalhe que merece atenção: a partir dos *feedbacks* dos participantes, percebemos a necessidade de acrescentar a opção do *não uso de telas*, o que não havia sido considerado, uma vez que estávamos mantendo nosso foco para aquelas que faziam uso desse dispositivo e de outras tecnologias.

Acerca do que foi perguntado aos participantes, tratou-se de questões sobre o bairro em que residiam, grau de escolaridade, idade da criança sob sua tutela e o grau de parentesco entre o respondente e a criança. Nas perguntas mais direcionadas ao tema, os respondentes informaram: a quais aparelhos a criança tinha acesso; como os utilizavam; quanto tempo de acesso tinham por dia; e as razões que justificavam esse tempo. Havia também uma questão em que os respondentes deviam comparar o tempo de uso de telas no momento da pesquisa com o tempo de uso durante o isolamento social na pandemia. Por fim, foram questionados sobre as principais atividades feitas pela criança durante o isolamento e no momento da enquete, e sobre o que pensavam do uso de tecnologia pelas crianças.

Encerrada a coleta, iniciamos a análise dos dados, por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Após a fase inicial, partimos para a elaboração das

categorias de análise, atividade que aconteceu a partir do conteúdo das questões abertas, agrupando temas presentes naquelas mensagens. Após a leitura de todas as respostas de cada questão, fomos reagrupando as iguais e ou semelhantes, a fim de facilitar o entendimento e as inferências que traremos nos resultados. Os conteúdos desses agrupamentos (categorias) foram nomeados, a partir dos sentidos contidos nas respostas. Já o conteúdo das questões fechadas foi organizado quantitativamente e representado em gráficos que contribuem para entendermos que atividades foram as mais buscadas pelas crianças ou o perfil de participação (pais, mães, avós, tios, outros parentes, cuidadores) e informações que também são de interesse da pesquisa.

3 A tecnologia na vida infantil: usos e sentidos compartilhados por mães/pais e ou responsáveis por crianças

O grupo que voluntariamente colaborou com a coleta de dados foi formado por mães em sua maioria (200 pessoas), seguida participação de pais (23 pessoas) e responsáveis, como avós, tios, outros parentes e cuidadores (27 pessoas) de crianças de 0 a 6 anos de idade. Merece destaque o fato de as mães representarem o maior número de participantes – o que não surpreende, uma vez que as mulheres são, historicamente, as primeiras e habituais responsáveis pelos filhos. Apesar das transformações em relação à estrutura familiar, ainda subsiste a ideia da responsabilidade da mulher como cuidadora. De acordo com estudos de Fiorin, Patias e Dias (2011), a despeito das mudanças históricas e do fato de a mulher ocupar diversos espaços na sociedade, ainda assim lhe é atribuída a maternidade como sua maior responsabilidade, reforçando o modelo patriarcal de família. Desta forma, percebemos que, até os dias atuais, a presença materna é notável na questão do cuidado das crianças de forma direta, como mostram os dados coletados.

Relacionado ao grau de escolaridade, houve predominância de: ensino médio completo (85 pessoas), ensino superior incompleto (42 pessoas), superior completo (51 pessoas) e pós-graduação (53 pessoas). A maior incidência de respostas adveio

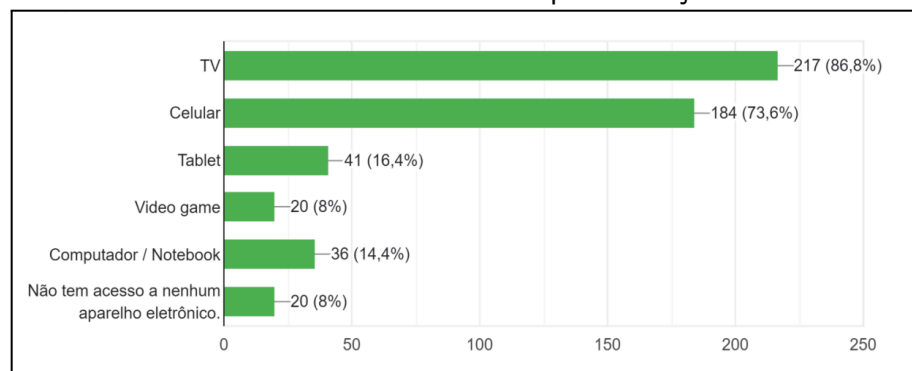
de bairros adjacentes de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes, municípios do estado de Pernambuco.

Acerca da idade das crianças pelas quais se disseram responsáveis, identificamos que se sobressaíram os respondentes que são mães/pais ou responsáveis de crianças com idade de 6 anos, sendo eles 59 pessoas no total, 49 pessoas são responsáveis por crianças de 0 a 1 ano e também de 3 anos.

Quando questionamos sobre de quais aparelhos tecnológicos as crianças fazem uso, temos a televisão como recorde de respostas, chegando a 217 respostas, seguidas do celular, com 184 respostas, e, em terceiro lugar, o tablet, com 41 respostas, nessa questão, as pessoas poderiam marcar mais de uma alternativa.

Trazemos todas as alternativas possíveis, com as porcentagens de escolha correspondentes no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Acesso a telas pelas crianças



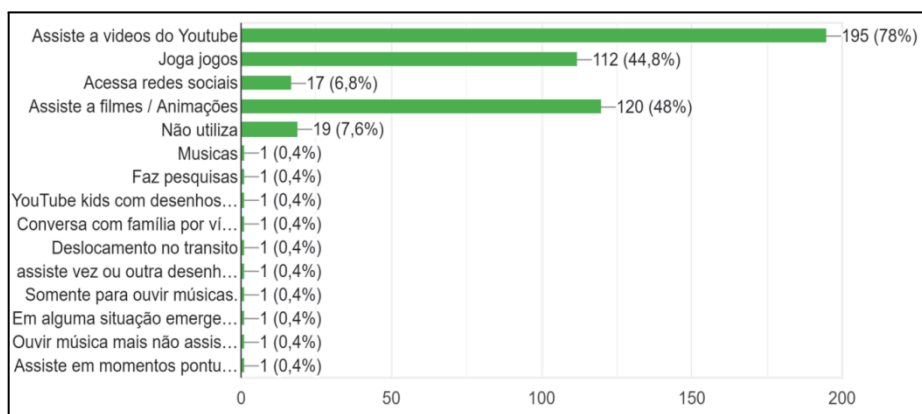
Fonte: Elaboração própria (2023).

Atentando aos dados coletados, a televisão se destaca como o aparelho tecnológico mais utilizado, confirmando o que diz Buckingham (2007) sobre o fato de, a partir do século XX, este ser o aparelho tecnológico mais utilizado pelas crianças. Essa informação faz paralelo como que diz o mesmo autor, quando afirma que a infância é muitas vezes determinada pela mídia, uma vez que o acesso à programação de televisão está ligado a propagandas e comerciais tendenciosos que influenciam sua maneira de pensar e se comportar na sociedade (Buckingham, 2007).

No que diz respeito ao que as crianças mais acessam pelos aparelhos tecnológicos, o aplicativo do *Youtube*, para assistir a vídeos, foi citado, contemplando

195 respostas. Em seguida, consta a visualização de filmes e animações, correspondendo a 120 respostas, em terceiro lugar, para acessar jogos, contando 112 respostas. Nessa questão, também poderiam ser marcadas mais de uma opção. Esses dados estão no Gráfico 2 a seguir.

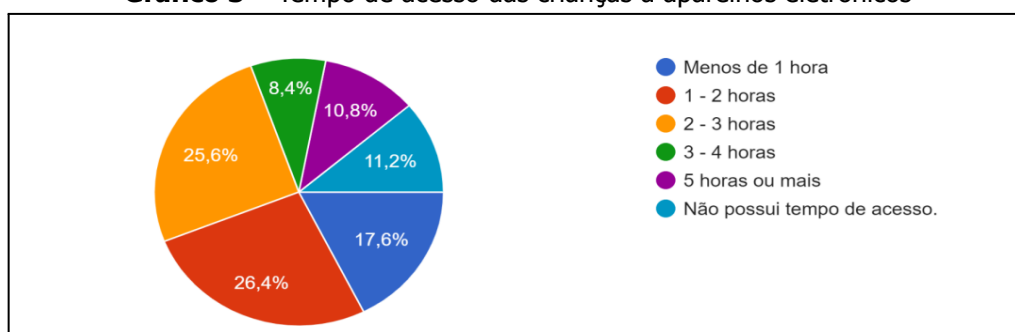
Gráfico 2 – Forma de utilização dos aparelhos tecnológicos pelas crianças



Fonte: Elaboração própria (2023).

Levando em consideração o que analisamos acima em relação ao acesso e à utilização dos aparelhos tecnológicos, temos, no Gráfico 3, quanto tempo de acesso diário as crianças passam em frente às telas.

Gráfico 3 – Tempo de acesso das crianças a aparelhos eletrônicos



Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com o questionário, cerca de 44 pessoas afirmam que as crianças passam menos de uma hora diante de telas em seu dia a dia. O tempo de utilização dos aparelhos apresentados, que obteve o maior número de respostas com 66 pessoas respondentes, corresponde ao tempo entre 1 e 2 horas, seguido de 64 respostas cujas informações evidenciam um tempo de 2 a 3 horas. O tempo de 3 a 4

horas de acesso correspondeu a um total de 21 respostas. No que diz respeito ao tempo de 5 horas ou mais, tivemos o equivalente a 27 respostas.

Analisando os dados de acordo com o tempo de acesso a aparelhos tecnológicos, apenas 28 crianças não utilizam as telas em seu dia a dia. A maioria delas está na faixa de 0 a 2 anos de idade - o que significa que estão de acordo com o que propõe a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) quanto ao limite de exposição diária. Duas mães, cujos filhos estão nesse grupo de "não usuários", fizeram uma ressalva: disseram que suas crianças não têm acesso a telas, salvo em situações declaradas como "emergenciais" — como a realização de afazeres domésticos ou em casos de extrema necessidade (embora estes últimos não tenham sido especificados). Por fim, em contraste com as crianças que não usam telas, há um grupo muito pequeno que tem acesso apenas em situações pontuais: uma criança de 4 anos e duas de 3 anos. Essas situações também não foram esclarecidas pelas mães/pais.

No que se refere às crianças que passam 5 horas ou mais em frente às telas, percebemos que estas fazem parte do grupo de crianças entre 5 e 6 anos, ou seja, de acordo com os dados, as crianças maiores consomem mais tempo nessa exposição. As justificativas para esse tempo de uso são diversas, conforme pontuado pelas mães/pais e responsáveis, a seguir: para trabalho, para distração, por falta de tempo dos pais ou responsáveis para lhes dar atenção, falta de criatividade, o uso de tecnologias para a criança se acalmar, organização da casa, sentimento de segurança por estar dentro de casa, entre outras.

Para entender melhor o porquê, isto é, o motivo de a criança acessar telas por tempo demasiado, organizamos as respostas em 7 categorias, apresentadas no Quadro 1. Iremos nos referir aos participantes com a letra "C" (colaborador), seguido do número de ordem da resposta. O Quadro 1 apresenta cada categoria com os temas/palavras, representando o agrupamento das respostas por aproximações, resumindo-se, assim, as justificativas dos pais sobre o tempo estabelecido ou não. A categoria mais mencionada foi "tempo livre e tempo estabelecido", com o total de 63 respostas.

Quadro 1 – Justificativa do tempo de acesso a telas e/ou a aparelhos tecnológicos

CATEGORIA	TEMAS
ENTRETENIMENTO	Assistir, filmes, jogar, música, vídeos, cultura.
TEMPO LIVRE E TEMPO ESTABELECIDO	Tempo, limitação, fracionamento, disponibilização, controle, permissão.
NÃO TEM ACESSO	Não, prejudicial, não se aplica, não possui.
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	Casa, higiene, alimentação, rotina, atividades diárias.
BRINCAR	Estímulo, diversão, desenvolvimento, prioridade.
FICAR QUIETO(A)	Distração, distrair, parar.
FALTA DE OPÇÃO	Trabalho, falta de apoio, ocupação, espaço, falta de amigos.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Analisando o Quadro 1 acima, confirmamos o que diz Buckingham (2007), para o autor, apesar de as crianças viverem em famílias tradicionais, consideradas nucleares, elas passam cada vez menos tempo com seus pais, ficando sob os cuidados de terceiros, sendo mais provável, ainda, que não tenham irmãos que lhes façam companhia.

No mesmo Quadro 1, percebemos como essa assertiva é confirmada nas respostas recebidas, evidenciando-se que algumas crianças são expostas a esse tempo de acesso a telas, devido à falta de opção de lazer, como espaços para brincar ao ar livre, limitação do espaço da casa, companhia de outras crianças, sejam familiares ou amigas.

Outras questões muito relevantes quanto ao tempo de acesso dizem respeito à necessidade de os pais trabalharem fora (mesmo estando em casa, o sistema *home office* exige atenção do trabalhador, que não poderá ocupar-se dos filhos), assim, o cuidado com as crianças é terceirizado. Nas organizações familiares atuais, muitas mães precisam trabalhar e acabam não conseguindo manter o “controle de acesso”

como gostariam. Em uma fala, a colaboradora C-147 afirma: “Ela fica com outra pessoa pra eu trabalhar e para distraí-la usam o celular”⁷.

Em paralelo a isso, temos as mães que não trabalham fora, mas que não dispõem de rede de apoio e acabam recorrendo ao uso das telas para que consigam realizar seus afazeres domésticos, como afirma C-249: “Como mãe não tenho rede de apoio e termino recorrendo ao uso de telas para poder fazer algum dos afazeres domésticos”.

Vimos, de acordo com as respostas, que vários familiares entendem as consequências desse tipo de exposição; porém, com as diversas necessidades da rotina, acabam recorrendo a esse recurso. Esse fenômeno já faz parteda vida das famílias contemporâneas, que começaram a integrar o uso da internet em seu cotidiano, percebendo as facilidades e desafios que essa ferramenta proporciona (Wagner; Mosmann; Dell’aglio; Falcke, 2010).

Alguns colaboradores informaram que o tempo de acesso varia de acordo com os dias, não existe um tempo estabelecido de acesso diário. Há dias em que o acesso é maior, enquanto em outros dias nem tanto. É o que mostra essa fala da participante C-64: “De acordo com a logística do dia, esse tempo é fracionado, então estou dando uma média, não sei precisar o tempo do acesso diário. Tem dias que o tempo é menor”. Pensando assim, podemos inferir que o uso das telas depende muito das demandas do dia – pelo menos, como vimos acima, em relação aos afazeres domésticos.

Em contrapartida, obtivemos respostas quanto à limitação de tempo do uso de telas, em que os pais demonstram certa preocupação em relação a esse período. É o que podemos observar nesta fala da participante C-2: “Porque eu e meu marido entendemos a importância de fazer outras atividades fora das telas. Brincadeiras que estimulem ela de diferentes formas, inclusive fisicamente”. Outra mãe, C-47, discorre como faz a mediação dessa utilização: “Para desenvolver habilidades e competências, tais como: controle das emoções, motricidade fina, atenção, raciocínio lógico matemático, estética, planejamento e estratégia, apesar dele achar que está brincando. É uma estratégia monitorada para complementar as ações da escola”.É

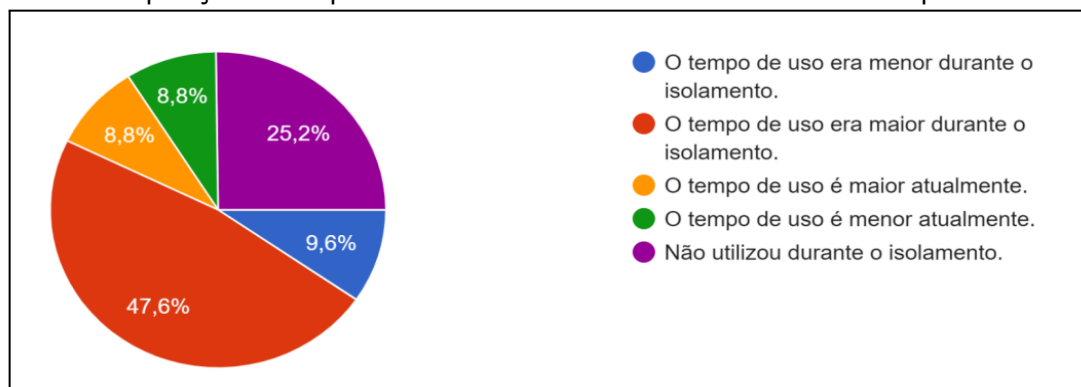
⁷ As transcrições serão transcritas *ipsis litteris*, a fim de manter a fidedignidade do enunciado.

possível perceber, de acordo com a primeira fala (C-2), a estratégia usada para que a criança tenha certo limite e possa utilizar o tempo de diversas formas, como, por exemplo, explorando o ambiente por meio de brincadeiras, o que reforça a segunda fala na questão de direcionamento quanto ao uso, em que a mãe entende a presença da tecnologia como aliada e a utiliza como recurso de desenvolvimentos das habilidades citadas.

Segundo Patrão, Machado e Brito (2016), é importante que os pais deliberem regras para o uso da tecnologia dentro e fora de casa, resguardando as crianças de situações de perigo.

Quanto à análise do tempo de uso das telas antes do isolamento social e após o retorno ao chamado "normal", obtivemos respostas, ilustradas no Gráfico 4 na forma de percentuais:

Gráfico 4 – Comparação do tempo de uso das telas antes do isolamento social e após esse isolamento



Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com os dados coletados, 119 mães/pais afirmaram que o tempo de uso de telas era maior durante o isolamento social; em contrapartida, 24 respostas atestaram que o tempo de uso de telas durante o isolamento social era menor. O que nos chamou a atenção foi a resposta de 63 mães/pais que afirmam que as crianças não fizeram uso de telas durante o isolamento social. Percebemos que, majoritariamente, essas crianças estão na faixa etária de 0 a 2 anos, o que nos permite inferir que, durante a pandemia, essas crianças ainda não eram nascidas ou eram bebês.

Quando questionados acerca das atividades realizadas pelas crianças tanto durante quanto após o isolamento social, observamos que as crianças não deixaram

de realizar atividades como brincar de boneca, participar de jogos educativos, assistir a vídeos, desenhar e pintar, jogar futebol, participar de jogos eletrônicos, brincar de carros, andar de bicicleta, entre outras brincadeiras que envolvem movimento.

Quando as atividades escolares passaram a acontecer de forma remota, as crianças tiveram incluídos no seu cotidiano mais motivos para acessarem equipamentos com telas, logo maior tempo de contato e exposição. Em resumo, se, antes do isolamento social, elas já estavam expostas exageradamente a esse acesso, contato e manuseio, com os estudos remotos, via *online* ou *offline*, isso só aumentou durante esse período e, por ter sido bem aceito, acabou não se retraindo depois que tal isolamento não se fez mais necessário.

3.1 Reflexões sobre o uso de telas na primeira infância: posicionamento das mães/pais e responsáveis

Partindo da percepção das mães/pais e responsáveis sobre como eles pensam quanto ao uso de telas por crianças, elencamos cinco categorias, que foram delimitadas a partir da mesma opinião sobre o assunto. Por haver saturação das respostas, agrupamos as descrições por aproximação. Os resultados estão apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 – Categorias criadas a partir da opinião dos colaboradores sobre o uso de telas/tecnologia

1º	Mães/Pais e responsáveis que concordam com o uso livre das telas;
2º	Mãe/Pais e responsáveis que não concordam com o uso das telas;
3º	Mãe/Pais e responsáveis que concordam com o uso de telas com tempo delimitado e direcionamento;
4º	Mãe/Pais e responsáveis que não concordam totalmente mas as crianças fazem utilização;
5º	Mães/Pais e responsáveis que não tem opinião formada.

Fonte: Produção própria (2023).

A primeira categoria apresenta a opinião das mães/pais e responsáveis que concordam com o uso livre de telas. Das respostas a essa questão, conseguimos

concentrar as que se assemelham, formando grupos de 9 delas. Os respondentes do 1º grupo normalizam o uso de telas: suas falas trazem termos que confirmam sua opinião, afirmando que as crianças dessa geração já nasceram imersas no mundo digital e que fica quase impossível fazer essa separação. Essa opinião é corroborada pela mãe C-62: "Acho que conforme o mundo vai se atualizando, nós vamos nos adequando ao momento atual. E a nova geração nasceu com uma tecnologia muito avançada e de fácil acesso, acho que é compreensível elas terem preferência por atividades mais voltadas à área tecnológica".

Dentre os que concordam com o uso livre de telas também destacamos: "Acho que na teoria tudo é muito lindo, mas a tecnologia ajuda as mães a conseguirem dar conta das atividades domésticas" (C-37). Na fala dessa mãe, percebemos quanto as telas acabam sendo um meio alternativo para que as mães consigam realizar os afazeres domésticos, ou seja, o uso livre como uma condição. Isso confirma o que foi falado anteriormente sobre a justificativa do tempo de uso, conforme exposto no Quadro 1.

A segunda categoria aponta a opinião das mães/pais e responsáveis que não concordam com o uso das telas. Nesta classe, obtivemos um total de 56 respostas. Levamos em consideração as seguintes justificativas: mães/pais que não concordam por 2 motivos: 1º) seguindo a recomendação da SBP, devido a idade dos filhos; 2º) pelo fato de acharem prejudicial. Muitos pais relacionam as telas ao fator negativo por privarem as crianças do tempo de desenvolvimento através do brincar, prejudicando a sua interação e imaginação.

Sobre a questão da idade, a mãe C-156 afirma: "Minha bebê tem 6 meses e não tem acesso a telas. Acho prejudicial para o desenvolvimento social e cognitivo dela. Acredito que as crianças não deveriam ter acesso ao celular". Essa mãe percebe o uso prejudicial, pois segue as recomendações citadas anteriormente sobre o tempo de acesso, o que é positivo, visto que, para crianças de 0 a 2 anos de idade, o uso não é recomendado.

Quanto a não permitir o uso de telas por achar inadequado, destacamos as seguintes falas: C-48: "Acredito que não seja algo necessário e que é muito maléfico para o desenvolvimento infantil, privando ela de viver e se desenvolver em uma das

fases mais importantes da vida que é a infância”; e C-23: “Algo desnecessário, pois tira o foco e a curiosidade do mundo e acaba deixando a criança presa nessas tecnologias, podendo atrapalhar seu desenvolvimento”.

Com base nessas falas, podemos inferir, à luz de Corsaro (2011), que, em relação à construção da identidade da criança com a expressão cultural de pares, a criança reinventa e reproduz o mundo ao seu redor. Fica clara a preocupação dos pais sobre como o uso de telas pode atrapalhar o desenvolvimento na infância, fazendo com que a criança perca o prazer pela curiosidade que proporciona, por exemplo, a investigação, a exploração de novos conhecimentos e do mundo ao seu redor.

Em entrevista concedida a Calixto, Luz-Carvalho e Citelli (2020, p. 129), David Buckingham expõe:

[...] agora, as nossas próprias relações pessoais com amigos e familiares passaram a ser influenciadas pelos meios digitais. Quase tudo é mediado de alguma forma. Se queremos preparar as crianças para este mundo, precisamos constantemente ensiná-las sobre a mídia.

Embora haja opiniões negativas quanto ao uso de telas, a fala de Buckingham nos impele a refletir sobre a importância da mediação como forma de ensinamento. E não se pode desobrigar os pais de sua participação na intermediação, isto é, no controle de tempo de uso dos artefatos tecnológicos pelas crianças, o que nos leva à nossa terceira categoria, em que agrupamos as respostas de pais que concordam com o uso, porém de forma supervisionada, delimitando o tempo de acesso.

Esta categoria foi o grupo no qual obtivemos o maior quantitativo de opiniões, chegando a 153 respostas. Segundo eles, a adequação seria permitir o uso após a idade orientada, mas com direcionamento e supervisão, de modo a haver funcionalidade no acesso. Podemos ver esta opinião nas palavras de C-17⁸:

Acredito que o uso deve ser consciente e na idade apropriada, tendo em vista os estudos e pesquisas realizadas sobre o assunto, não é indicado o uso de telas até os 24 meses. Então, penso que precisa ser pensado esse uso após esse período, com

⁸ As falas dos participantes foram transcritas em itálico e blocadas com recuo de 2,5 cm, para se diferenciarem das citações dos estudiosos das teorias aqui abordadas.

monitoramento e cuidado com o excesso e a não utilização antes como indicado. Para não prejudicar o desenvolvimento infantil e acarretar problemas de saúde em nossas crianças.

Nesta fala, podemos perceber o cuidado e preocupação da mãe não apenas na parte do desenvolvimento cognitivo de sua criança como também no cuidado com a saúde física, visto que o uso excessivo também acarreta malefícios ao corpo, conforme alertam(Souza; Marques; Reuter, 2020, p. 2): “Em decorrência de estilos de vida inativos, hábitos sedentários estão ligados ao tempo de tela”. Esse alerta sereafirma a explanação de outra mãe, C-31, que diz: “Acho que aparelhos eletrônicos podem ser usados a depender da idade, mas sempre com moderação. Acredito que o exagero pode prejudicar o desenvolvimento saudável da criança (sono, imaginação, atenção, criatividade)”. A partir dessas ponderações, sempre vale a pena os pais ou responsáveis ficarem alertas para possíveis sinais que suas crianças apresentam, a fim de perceberem se, ou quando, esse uso estiver interferindo em seu desenvolvimento.

Analisando mais uma opinião apresentada pelos pais, temos a de C-121: “Entendo que o uso de telas em excesso se torna prejudicial ao desenvolvimento das crianças, por diversos motivos, entretanto acredito também que a privação total não faça tanto sentido considerando a sociedade altamente tecnológica na qual estamos incluídos. As crianças precisam ser estimuladas em todos os aspectos, por isso considero que o uso limitado e monitorado seja de certa forma positivo. Ainda mais quando falamos de responsáveis que precisam cuidar das crianças enquanto dão conta de outras demandas”.

Nessa linha, assim se pronuncia Buckingham (2007, p.65-66, sic):

Longe de como vítimas passivas das mídias, as crianças passam a ser vistas como dotadas de uma forma poderosa de “alfabetização midiática”, uma sabedoria natural espontânea de certo modo negada aos adultos. As novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a criatividade, a comunidade, a auto-realização.

Buckingham aborda nesse enunciado essa “sabedoria espontânea” que é negada pelos adultos. As crianças em questão, consideradas da geração Alpha, apresentam essa característica, uma naturalização em relação à presença de telas.

Das diversas falas sobre as formas de utilização das telas, uma despertou nossa curiosidade por identificar o aproveitamento do recurso de forma positiva enquanto profissional (professora) e também evidenciando sua forma de pensar enquanto mãe. Essa professora-mãe, C-250, afirma que: “Depende para que fim utilizamos, como professora utilizo para exemplificar e validar algum conteúdo através de vídeos ou jogos. Como mãe de um bebê não gosto muito, acho que a criança fica recebendo algo muito mastigado, não utiliza partes do cérebro que estimulam a criatividade”. Isto nos faz refletir sobre como esses recursos podem potencializar o trabalho pedagógico em sala de aula, visto que a escola é um ambiente de construção de conhecimento, e as crianças estão cada vez mais inseridas no mundo tecnológico.

Como profissional, a resposta de C-250 trouxe benefício ao uso, como mãe, entretanto, não vê essa situação como tão positiva, mas percebemos que, mesmo “não gostando muito”, como assim afirma, ela é adepta do recurso, ou seja, a utilização é feita no momento adequado com o direcionamento correto dentro das suas perspectivas. Isso mostra que é possível fazer uso de telas com equilíbrio, sem negar à criança essa experiência.

A quarta categoria fala sobre mães/pais e responsáveis que não concordam totalmente, mas as crianças fazem tal utilização. Este grupo de respondentes totalizou 35 respostas. Segundo algumas mães/pais, mesmo não concordando, acabam cedendo ao uso por diversas razões. Entre estas, está C-108 que afirma:

Sei que não é bom ficar assistindo passivamente por horas, porém é uma alternativa utilizada pelos pais e responsáveis para entretenimento uma vez que brincar nas ruas ou nos prédios não é tão seguro como antes por questões de violência. Além de questões de logística de tempo dos pais que precisam trabalhar muito para obter um retorno financeiro que possibilite sobreviver.

Essa mãe levantou questões que enfatizam as transformações da sociedade, visto que a maneira de brincar das crianças de uma década atrás não é a mesma de

hoje. Para além disso, expressa também o cotidiano de muitas famílias, cujo modelo atual exige que ambos (pais e mães) trabalhem, e as crianças acabam submetidas a maior tempo de exposição, como já discutido neste estudo anteriormente. Reafirmando este ponto de vista, outra mãe, C-176, diz: “Sei que interfere no desenvolvimento, mas dentro da rotina corrida e cansativa que é exigida aos pais acabamos cedendo o uso de telas”. Desta forma, entendemos as razões que levam muitas famílias a cederem a essa exposição, muitas vezes exagerada, porém, cada família possui uma configuração, seus membros são afetados de maneiras diferentes na sociedade e respondem a essa realidade conforme suas possibilidades.

A quinta e última categoria mostra um pequeno grupo de mães/pais e responsáveis que não tem opinião formada sobre o assunto. Entre as respostas, identificamos 4 pessoas que definiram seu ponto de vista com “Não sei”, não nos fornecendo, portanto, material de análise consistente e significativo.

Considerações finais

A chegada da internet e, com ela, a otimização do tempo, o encurtamento de distâncias e a facilidade de comunicação permitiram que um grande avanço tecnológico se solidificasse e transformasse múltiplas gerações. Desse modo, foram se estabelecendo novas formas de viver e pensar que atingiram as famílias e, sem dúvida nenhuma, também as crianças, as quais passaram a manusear com grande facilidade aparelhos com telas.

Esse manuseio se intensificou com o período pandêmico e se solidificou com e após o isolamento social. Desta forma, famílias se reinventaram e começaram a se adaptar à presença dos aparelhos tecnológicos em sua rotina. Por meio desta pesquisa, reafirmamos que vivemos em realidades diferentes e que cada família possui sua própria estrutura, o que nos faz compreender as atitudes e posturas tomadas pelos pais no que diz respeito ao tema aqui explorado.

Sendo assim, conseguimos alcançar os objetivos do presente estudo, que se concentravam em compreender como mães/pais e responsáveis por crianças consideram o uso de telas na primeira infância, durante e após a pandemia. Nossa investigação nos permitiu perceber que as opiniões dos participantes se dividem.

Nessa divisão, temos um grande número de pais que entende que as crianças se encontram conectadas com o mundo tecnológico, contato então inevitável. Foi possível identificar que as crianças usam com preponderância a televisão e o celular, seguidos de tablet, computador/notebook e videogame. O uso dos itens citados se valida com a justificativa das mães/pais e responsáveis no sentido de sentirem a necessidade de entreter as crianças enquanto realizam atividades ligadas à sua profissão ou domésticas. Algumas não têm acesso a telas, em função da idade; outras crianças, ainda que poucas, fazem uso delas livremente, por concordância das mães/pais. Algumas mães e alguns pais e ou responsáveis defendem, no entanto, que tal acesso precisa ser acompanhado de perto para que os limites se estabeleçam.

Como mostrado nas categorias elaboradas em função do conteúdo analisado, o uso dos aparelhos se divide em diversas funcionalidades: jogar, assistir a filmes, acessar redes sociais e ver vídeos no *Youtube*. Sabendo disso, é preciso que se determine um equilíbrio, como comprovam os discursos da maioria dos colaboradores. Para eles, é necessário pensar no uso consciente e intencional do recurso, tanto para uso interativo como pedagógico.

Embora tenhamos alcançado muitos participantes, ainda não é possível generalizar os dados encontrados. Outros estudos podem ser realizados para gerar mais desdobramentos quanto a essas questões, como a interferência das relações sócio econômicas dos participantes sobre o uso de telas, uma análise comparativa do desenvolvimento pedagógico das crianças que desfrutam de mais ou menos tempo de acesso a esses equipamentos e, ainda, como figuram as organizações familiares que justificam esse acesso.

Concluimos este estudo, reforçando, assim como os documentos orientadores no território nacional, que o uso de dispositivos digitais pela criança deve se dar aos poucos, conforme vá aumentando sua autonomia. Com base no Guia sobre usos de dispositivos digitais (Brasil, 2025, p.12), recomendamos, portanto, "o não uso de telas e aparelhos digitais para crianças com menos de 2 anos, salvo para contato com familiares por vídeo chamada, acompanhada de pessoa adulta; e que crianças antes dos doze anos não possuam aparelhos celulares do tipo smartphone próprios".

Destacamos, por fim, que o acesso e uso a telas na primeira infância sejam constantemente acompanhados pelos adultos responsáveis.

Referências

ALMEIDA, Vanusa Eucléia Geraldo de; CERUTTI, Elisabete. Professores da infância e a pedagogia da conexão: desafios e possibilidades na prática pedagógica. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 5, p. e15111, 2025. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/15111>. Acesso em: 4 dez. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Crianças, adolescentes e telas**: Guia sobre usos de dispositivos digitais. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Brasília, DF: SECOM/PR, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf. Acesso em: 4 dez. 2025.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077>. Acesso em: 17 dez. 2025.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**. São Paulo: Loyola, 2007.

CALIXTO, Douglas; LUZ-CARVALHO, Tatiana Garcia; CITELLI, Adilson. David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 2, p. 127–137, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v25i2p127-137. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/182270>. Acesso em: 17 dez. 2025.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Estudo nº II**: Importância dos vínculos familiares na primeira infância. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ESTIGARRIBIA, Fabiana Andressa. O brincar e a interferência da tecnologia. 2019. 30 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/ad1052a7-477e-4327-b319-7dabbc82cc38>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FIORIN, Pascale; PATIAS, Naiana; DIAS, Ana. Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 121–132, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2880/2859>. Acesso em: 20 mar. 2023.

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica; PEREIRA, Rogério Santos. Crianças e mídias: três polêmicas e desafios contemporâneos. **Cadernos CEDES**, v. 41, n. 113, p. 33–43, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC231532>. Acesso em: 20 fev. 2023.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MCCRINDLE, Mark. **Understanding Generation Alpha**. New South Wales: The McCrindle Blog, 2009. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/search/alpha/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MENETTI, Sandra Aparecida Pagliaci Pulino. **O comprometimento organizacional da geração Y no setor de conhecimento intensivo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2013.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes *et al.* Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], 2019. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-determinantes-no-tempo-de-tela-de-criancas-na-primeira-infancia/17321?id=17321>. Acesso em: 17 dez. 2025.

OLIVEIRA, Nedia Maria de; MARINHO, Simão Pedro Pinto. Tecnologias digitais na Educação Infantil: representações sociais de professoras. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 2094–2114, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.14068. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14068>. Acesso em: 17 dez. 2025.

PATRÃO, Ivone; MACHADO, Mariana; BRITO, Rita. O funcionamento familiar, o bem-estar e o uso da internet. *In*: PATRÃO, Ivone; SAMPAIO, Daniel (org.). **Dependências online**: o poder das tecnologias. Lisboa: Pactor, 2016.

PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante. **A aprendizagem das crianças na cultura digital**. Maceió: EDUFAL, 2017. 203 p.

SARMENTO. Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378,

maio/ago. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 dez. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças:** contextos e identidades. Universidade do Minho-Instituto de Educação, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In: Crianças e miúdos:* perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. **Cadernos do Noroeste**, Porto, v. 13, p. 145-164, 2000.

SETZER, Valdemar W. **Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos**, 2014. Disponível em:

<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de orientação:** #menos telas #mais saúde. Rio de Janeiro: SBP, 2019.

SOUZA, Joseilda Sampaio. **Brincar em tempo de tecnologias digitais móveis**.

Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28762/3/Joseilda.pdf>.

Acesso em: 17 fev. 2023.

SOUZA, Sonimar de; MARQUES, Kelin Cristina; REUTER, Cézane Priscila. Tempo de tela acima das recomendações em crianças e adolescentes: análise dos fatores nutricionais, comportamentais e parentais associados. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 363-370, dez. 2020. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1282202000030005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2022.

SOUZA, Isabel Maria Amorim; SOUZA, Luciana Virgília Amorim. O uso da tecnologia como facilitadora da aprendizagem do aluno na escola. **Fórum Identidades, Itabaiana**, v. 8, ano 4, jul./dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1784>. Acesso em: 18 ago. 2025.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 2020. Disponível em:

<https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 06 dez. 2022.

WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse Pereira; DELL'AGLIO, Debóra Dalbosco;
FALCKE, Denise. **Família e internet**. Col. E Agora.com – A era da informação e a
vida cotidiana. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010.

Submetido em: 28-08-2025

Aprovado em: 25-11-2025